

# Obras para revisão

Título:

O Casulo

Autor:

Paulo Amaral André

**sinapsos**

# sinapses

A disponibilização desta obra destina-se a permitir que o utilizador participe no processo de revisão e avaliação da mesma nos termos e para os efeitos definidos pela SINAPSES, sendo certo que todos os direitos respeitantes ao conteúdo da obra se encontram estritamente reservados ao seu autor.

Nesse sentido, o conteúdo literário da obra encontra-se protegido segundo o disposto no Código dos Direitos de Autor e Direitos Conexos, assim como na demais legislação portuguesa e comunitária e nas convenções internacionais que sejam aplicáveis. O conteúdo da obra está deste modo protegido por lei, sendo expressamente interdita qualquer cópia, reprodução, difusão ou transmissão, utilização, modificação, venda, publicação, distribuição ou qualquer outro uso, total ou parcial, comercial ou não comercial, quaisquer que sejam os meios utilizados para o efeito.

Consequentemente, sublinha-se que a usurpação, contrafacção, aproveitamento do conteúdo usurpado ou contrafeito, a identificação ilegítima e a concorrência desleal são puníveis criminalmente. O autor da obra reserva-se o direito de proceder judicialmente contra o responsável (ou responsáveis) por qualquer utilização não autorizada dos conteúdos desta obra, sendo certo que a SINAPSES prestará todo o apoio necessário nesse sentido.

## O casulo

Durante o parto, o macho manteve-se imóvel, nas quatro patas, a um canto do casulo. Com um misto de temor e admiração. E talvez, sim, deslumbramento, talvez. Ouviam-se gemidos calados de tempos a tempos e a fêmea começava a ficar parcialmente submergida no próprio suor, dentro do buraco escavado por movimentos involuntários. O macho moveu-se - movimentos ínfimos. Nervosos. Impacientes. Parou. Esperava o seu momento como se aqueles acontecimentos lhe fossem interditos. Como estavam.

Por fim, a fêmea começou a expulsar um líquido verde que boiava agora em gotículas no suor. E enquanto retirava restos daquela pasta, que ornavam e escondiam a maior parte do orifício excretor por onde saíria a cria, soltou um gemido tal que, involuntariamente, o macho se projectou de encontro à parede da habitação. Assomava já um par de patas, parte verdes parte roxas, que a mãe se apressou a agarrar. Como se pudessem fugir-lhe. De novo para dentro de si. O macho arregalou os olhos e pôs-se nos bicos das patas. Hesitou quando viu as patas da cria sumirem-se pelo ventre da mãe adentro. A aflição desta. Hesitou. Deveria acorrer e ajudá-la a puxá-las para fora? Ou assumir que a sua hora ainda não havia chegado e que portanto qualquer gesto seu seria sempre visto como inconveniente para o

decorrer do processo? Qualquer acção naquele momento poderia até, no futuro, vir a ser segredada de ouvido em ouvido como uma fraqueza. Isto, se tal viesse a saber-se. Por parte de algum dos vigilantes ou outro alguém qualquer. Mas o mais certo é que tudo o que fazemos acabe por ser desvelado do seu manto privado que julgamos seguro. Pois bem, deixou que todo o nascimento fosse deixado à responsabilidade da mãe. Como até então, nas gerações anteriores, havia acontecido. Não queria, acima de tudo, vir a ser olhado com desconfiança, com desprezo – correr o risco de causar a náusea em futuras reuniões sociais.

E a cria nasceu. A partir de então, a cria nasceu até muito bem. Como se também ela tomasse consciência de que o processo havia de ser posto em marcha. Entretanto, a fêmea sufocava - depois de lambe-la a cria. Apenas alguns momentos após o nascimento. O macho olhava para cima. Viu uma mosca que voava em volta do candeeiro. Pensou que talvez com elas se desse o mesmo processo. Processo. Sempre presente a ideia de ‘o processo’.

O casulo era agora habitado pelo macho e pela cria. Incrivelmente, as dimensões da habitação, que até então pareciam apropriadas, pulsavam como um terceiro organismo emanando uma sensação muito próxima da claustrofobia. E isto, tanto para o macho

como para a cria, que começava a reagir às coações do ambiente do cubículo. Os seus olhos começavam a mover-se ciclicamente de parede a parede. Era incapaz de fixar os pormenores da cena - Mas o confronto já havia começado. E isso, a cria também o sabia. Era inevitável. Estava-lhe nos genes.

Os movimentos da cria continuavam desajeitados e, quase, limitava-se a rebolar as costas de encontro ao chão do cubículo. Quando, raras vezes, conseguia suportar-se em cima das patas, eram curtas convulsões que a moviam. Estava longe da agilidade dos machos da idade do seu pai. E não obstante a luta já havia começado. Cabia agora ao macho um comportamento correcto. Para com a cria, que honrasse as ancestrais leis da comunidade. A tentação de eliminar um futuro adversário era forte. Era sempre forte essa tentação. Mais ainda considerando que eles viam as crias já como inimigos. Só uma grande dignidade dos machos impedia que procedessem de tal forma. De qualquer modo, nem essa dignidade impedia a obrigatoriedade da presença de um vigilante durante todo o processo. Porque, ainda que e contudo, de quando em quando algum macho descontrolava-se e devorava a cria durante o seu desenvolvimento, assim que nascia. Era portanto com muitos cuidados que a administração da comunidade encarava cada nova sucessão. Alguns dos machos, quer por nojo ou

simplesmente por lhes faltar a coragem, recusavam essa antropofagia; vazios de escrúpulo, deitavam-nas porta fora. Ou nas lixeiras. Criavam problemas à comunidade que norma geral não eram muito bem resolvidos. E eram mais do que tudo inconvenientes. De qualquer modo, estes casos revelavam-se muito raros, quase inexistentes para a estatística.

Mas a qualquer momento estava para chegar o oficial da comunidade que ficaria encarregue de supervisionar todo o processo e todas as tentações ficariam com Santo Antão.

“Saudações”, e estendeu-lhe a mão. Espécie de mão. O que para eles era mão. O macho correspondeu ao cumprimento. Como se tivesse mais casos como este para tratar de, o oficial dirigiu-se em passo acelerado até uma mesa encostada a uma das divisórias do casulo. Quando passou pela cria olhou-a de lado. “Há-de dar urna boa luta”, riu-se. O macho voltou-se para ele. “Sim, sem dúvida”, e fez uma pausa. “Espero que sim. Teve uma boa mãe. De boa estirpe”, acrescentou o oficial. “Sem dúvida. De boa estirpe”, concluiu o macho enquanto se dirigia à mesa onde o oficial já tinha espalhados os documentos. “Agora tem de assinar nas linhas em branco”, assinou. Assinou com a habilidade com que as antigas conquistas o brindavam; sempre nestes momentos iniciais. O oficial estava despachado. Quase solenemente, acompanhou-o à porta. Era necessário ganhar a confiança dos oficiais. Não se

sabia nunca quando seria necessária. Na ocorrência de qualquer anormalidade. Qualquer coisa que surgisse de imprevisto. Foi cortês e quase fez uma vénia quando se despedia dele. Quase. Porque reparou que este estava cheio de pressa e já não se portava com o protocolo. Muitos casos, elucidou enquanto se afastava. E era crível. No fim de contas era a época da sucessão.

O macho fechou a porta atrás de si. Passou pela cria, olhou-a e sorriu. "As paredes do casulo são verdes. Já não me lembrava disso. Mas também, significará isso alguma coisa?" Em pouco tempo iniciou-se a fase do processo que na maioria dos casos era mal considerada pelos machos mais velhos. Durante muitas semanas se encarregou este de alimentar a cria e de lhe mostrar o funcionamento de todas as estruturas da comunidade. E isto, porque depois da luta, apenas um poderia sobreviver nos casulos durante o Inverno. As condições de ser assim o determinavam. Quer por questões relacionadas com a quantidade de oxigénio e reservas alimentares a que o casulo tinha direito, quantidades muito reduzidas e que portanto apenas suportariam duas unidades por habitação, quer por questões de cooperação. A comunidade assim o exigia. Era então toda a estrutura social que estava posta a jogo. E era necessário portanto que caso fosse a cria o futuro macho dominante estivesse esta preparada.

E a primeira coisa que as crias aprendiam era precisamente a livrarem-se dos corpos das fêmeas, que por vezes ficavam a apodrecer nos casulos durante semanas a fio. Até que as crias estivessem preparadas para iniciar a aprendizagem. Depois era a vez de terem contacto com as estruturas da comunidade. Essencialmente no que dizia respeito às linhas de produção dos bens essenciais. “Por que não os ensinamos antes a defenderem-se e a lutar?”, pensou a certa altura o macho. “Não serão estes ensinamentos meras formas de os manter iludidos?” E pela primeira vez desde que com os odores do nascimento ainda agarrados a ele conseguiu derrubar o macho que lhe concedeu a vida, começava agora, precisamente agora, a duvidar de todo o processo. “Por que não os ajudamos a construir novos casulos em vez de os confrontarmos com estes embates?” Não obstante, nunca em qualquer situação o macho mostrava o mínimo sinal de afecto. Talvez pelo mesmo motivo por que no início não havia ajudado a mãe durante o nascimento da cria. Os afectos condicionavam as eficácias exigidas pelo sistema.

Algum tempo depois, a cria estava pronta. As suas feições e estrutura muscular assim o indicavam. E não por coincidência também o processo de aprendizagem chegava ao fim. Tudo começava agora. E apenas agora. Os dois machos estavam prontos. O macho mais velho, por todo o tempo que já lhe vergara ligeiramente a carcaça vertebral,

estava, não sem alguma inquietude, amparado de uma serenidade que gravava divisas nas faces dos machos da sua idade. O mais novo, mais enérgico, mais direito, mas mais inseguro. As anteriores vitórias do seu adversário já começavam a marcar pontos. O outro sentiu isso, como já antes o havia pressentido. “A ser um fraco antes morra”, e sabia que se assim fosse a ele competia fazer justiça. “Ainda bem que assim são as lutas, correctas no seu funcionamento”.

Ainda antes do início da luta, procederam à curta cerimónia que iniciava os embates da sucessão. Avançaram um para o outro e lambeiram-se mutuamente as mãos antes de as apertarem. Durante esse curto instante, o neófito lembrou-se com horror que no momento em que removiam o corpo da fêmea, o macho a lambia tão sofregamente que ficara confuso por não saber explicar o acto pelo prazer que lhe produzia. E no momento em que aquele lhe tocou a pele não pôde evitar que, entre um arrepio, retirasse a mão coberta por uma espessa saliva. Porque não sabia também neste caso explicar o porquê.

Mas logo depois a luta começou. Após as dúvidas iniciais, ímpetos de um e de outro iniciaram a luta. Quase abruptamente. Depois, mantiveram-se cada um no seu canto e sem se moverem durante algum tempo. Horas. Olhos nos olhos. Apenas as pupilas dilatavam e se retraíam, cenho fechado. Nem um

sobrolho vergava. Cada falha poderia ser fatal. Era preciso sangue frio. Nada de movimentos em falso. Precipitações. Não, nada disso teria ali lugar. Era sim evitável, deveria ser, porque dispunham de todo o tempo do mundo. A luta poderia levar dias a fio apenas com estes estudos mútuos.

Mas a tensão aumentava e cada um concentrava agora as suas energias no sentido de anular as energias do outro. O que custava mais era o facto de não poderem alimentar-se durante esses dias que durava o embate. As características de dromedário chegavam a ser decisivas quanto ao desfecho, o que acabava sempre por dar vantagem ao macho mais velho, mais adaptado. Mais adaptado a...

A dada altura, a impossibilidade de comunicação devido ao ruído na atmosfera do casulo – um ensaio de fuga escrito pelos ritmos cardíacos que a espaços se tornavam demasiado acelerados – obrigou à intermediação de um intérprete. Os machos encontravam-se então em transe – cada um recriando o seu universo perfeito e impossível de penetrar. Nada se podia prever acerca do desfecho. Isto só vinha confirmar uma velha teoria: era impossível que ambos sobrevivessem. Não havia ambiente. E era verdade, já não conseguiam sequer comunicar sem intervenção exterior. “Por que não temos nós direito ao amor de uma mãe?”, pensou a cria, embriagada pelo sangue de odor metálico que dos

ouvidos lhe escorria para ambos os cantos da boca. "Fêmeas" - repetia-se - "fêmeas".

Voltou a concentrar-se na luta. Cerrou os punhos. Olhou tenaz o canto oposto do casulo. O outro macho começava a deitar uma espuma branca pela boca. Com abundância. E que depois se acumulava no que restava dos colarinhos da camisa sob a forma de baba. Estava a fraquejar. O velho macho começava a fraquejar. Havia vencido. O outro estava fraco demais. Sabia agora, estava velho - notava agora. Com pena. Bastava-lhe esperar. Que caísse de joelhos. E lhe morresse nos braços. Assim foi. Momentos depois. Atravessou o casulo como pôde. Quase sem forças. Morreu-lhe nos braços com um sorriso e a vitória abandonou-o ao mesmo tempo que a vida abandonava o derrotado. A luta não chegara à fase do confronto físico e no entanto o velho macho apresentava as mais profundas escoriações. "Não vejo o porquê de tudo isto, mas a causa foi aquele macho. Pai. E eu matei-o", limpou o corpo dos fluidos vitais e abandonou-o. O casulo era seu.

Inesperadamente, esta cria não sobreviveu à sucessão. Depois de muitos exames, diagnosticaram-lhe uma tristeza crónica. Que seria do casulo? Sem luta, não havia sucessor.